



REVISTA

# Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

## Fascismo, redes sociais e educação

Fascism, social networks and education

Fascismo, redes sociales y educación

Bárbara Fernanda de Freitas  
João Vítor Zanato de Carvalho Ribeiro  
Marcus Vinicius da Cunha

### RESUMO

Em consonância com a caracterização feita por Umberto Eco, este artigo assume a definição de fascismo como um modo de ver o mundo que recusa os avanços da modernidade e impede o desenvolvimento da sensibilidade estética. Assume também a metáfora proposta por John McDermott, segundo a qual o fascismo é como um vírus: pode permanecer latente por longo tempo, aguardando o momento certo para destruir as instituições democráticas, situação que tem acontecido em anos recentes. A primeira parte do artigo analisará as redes sociais como o meio mais eficaz para a propagação do vírus do fascismo, tornando os indivíduos incapazes de ter sensibilidade estética. A segunda parte assumirá que esse problema só pode ser combatido por uma educação humanista, tal como se encontra na filosofia educacional de John Dewey. Para efetivar esse combate, faz-se necessário reunir conceitos adequados a esse fim, razão pela qual o artigo buscará o auxílio das concepções morais e éticas do Círculo de Bakhtin.

**Palavras-chave:** educação humanista; John Dewey; Círculo de Bakhtin.

### ABSTRACT

In line with the characterization made by Umberto Eco, this article assumes the definition of fascism as a way of seeing the world that refuses the advances of modernity and prevents the development of aesthetic sensitivity. It also takes on the metaphor proposed by John McDermott, according to which fascism is like a virus: it can remain latent for a long time, waiting for the right moment to destroy democratic institutions, a situation that has occurred in recent years. The first part of the article will analyze social networks as the most effective means of spreading the fascism virus, making individuals incapable of aesthetic sensitivity. The second part will assume that this problem can only be faced by a humanistic education, as found in John Dewey's

educational philosophy. To carry out this fight, it is necessary to bring together adequate concepts for this purpose, and for this reason the article will seek help from the moral and ethical conceptions of the Bakhtin Circle.

**Keywords:** humanist education; John Dewey; Bakhtin Circle.

## RESUMEN

En línea con la caracterización realizada por Umberto Eco, este artículo asume la definición del fascismo como una forma de ver el mundo que rechaza los avances de la modernidad e impide el desarrollo de la sensibilidad estética. También asume la metáfora propuesta por John McDermott, según la cual el fascismo es como un virus: puede permanecer latente durante mucho tiempo, esperando el momento adecuado para destruir las instituciones democráticas, situación que se ha producido en los últimos años. La primera parte del artículo analizará las redes sociales como el medio más eficaz para propagar el virus del fascismo, volviendo a los individuos incapaces de sensibilidad estética. La segunda parte asumirá que este problema sólo puede combatirse mediante una educación humanista, como la que se encuentra en la filosofía educativa de John Dewey. Para llevar a cabo esta lucha es necesario reunir conceptos adecuados para tal fin, es por ello que el artículo buscará ayuda de las concepciones morales y éticas del Círculo de Bajtin.

**Palabras-clave:** educación humanista; John Dewey; Círculo de Bakhtin.

## Introdução

Rodrigo Duterte, Filipinas, 2016; Donald Trump, Estados Unidos, 2016; Jair Bolsonaro, Brasil, 2018; Giorgia Meloni, Itália, 2022; Javier Milei, Argentina, 2023 – esses e outros líderes recentemente eleitos têm propostas eleitorais e práticas de governança as quais guardam marcantes diferenças entre si, mas deixam evidente um fenômeno comum: a ascensão de ideias associadas à extrema-direita em diversas partes do mundo. Esse fenômeno revela a fragilidade da democracia no século XXI, quando a ascensão de movimentos antidemocráticos acontece não por meio de golpes de estado, mas pelo voto; os “autocratas eleitos mantêm um verniz de democracia enquanto corroem a sua essência” (Levitsky; Ziblatt, 2018, p. 14).

Vincular esses líderes extremistas ao fascismo – movimento criado por Benito Mussolini na década de 1920 – é tarefa que divide os especialistas (Gentile, 1992). Umberto Eco (2018), no entanto, oferece uma solução que supera as dificuldades enfrentadas por análises pautadas em identificações pontuais. O autor lista os tópicos centrais do que denomina fascismo eterno: o culto à tradição e ao heroísmo, o machismo, o nacionalismo, a xenofobia, a

rejeição às diferenças, o discurso antissistema e anticientífico, o apelo à violência, a mobilização das camadas sociais que se sentem frustradas e a exaltação da tríade pátria, família e religião. Acrescenta também que, diante dessa multiplicidade de características, é possível concluir que o fascismo é eterno porque vai além de um regime político e uma ideologia, consistindo em “um modo de pensar e de sentir, uma série de hábitos culturais, uma nebulosa de instintos obscuros e de pulsões insondáveis” (Eco, 2018, p. 22).

Com base nessas considerações, pode-se caracterizar o fascismo não como um conjunto de ideias e bandeiras políticas, mas como algo derivado de certas disposições psicológicas, um modo de ver o mundo que recusa o que se convencionou classificar como avanços da modernidade. Mesmo permanecendo em silêncio por longo tempo, essa visão fascista pode reaparecer em lugares distintos, com aparências insuspeitas, explorando um ou mais de um dos tópicos listados por Eco, recombinação-os em formatos inusitados para demolir o aparato institucional democrático mediante a aquiescência de várias camadas da população, se não da maioria.

Metaforicamente, pode-se dizer que o fascismo é um vírus, “o principal vírus social e político de nosso século, confundido alternadamente com estatismo, nacionalismo, etnocentrismo, racismo e religiosidade hegemônica” – como afirma John McDermott (2007, p. 26). Sua perenidade se explica por sua capacidade de multiplicação e por sua natureza mutável, assumindo a roupagem própria de cada localidade e encontrando facilmente hospedeiros desejosos de acolher falsas promessas, soluções de curto prazo, desprezo violento pelo outro e argumentos contrários à ciência, ao progresso das artes e à própria razão.

A primeira parte do presente artigo<sup>1</sup> é dedicada a discutir um dos meios pelos quais o vírus do fascismo se dissemina, contaminando cada vez mais pessoas e com eficácia jamais vista. Trata-se das redes sociais, aparato tecnológico digital que, por ser tão facilmente acessado via internet, concentra com maior clareza e intensidade o fenômeno aqui examinado. Essa discussão buscará mostrar que o efeito mais evidente dessa contaminação consiste em tornar o indivíduo incapaz de ter experiências estéticas, tornando-se, portanto,

---

<sup>1</sup> Artigo decorrente de pesquisas subvencionadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Brasil) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

vítima frequente de ideias extremistas. A segunda parte assumirá que esse problema só pode ser combatido por uma educação que restitua a humanidade suprimida pelo avanço do fascismo, para o que se faz necessário arregimentar conceitos adequados a esse fim. Visando cumprir essa meta, o artigo analisará as concepções morais e éticas de Mikhail Bakhtin – ou melhor, do Círculo de Bakhtin, conforme será explicitado adiante.

## O sustentáculo do fascismo

Em 2015, após uma cerimônia na Universidade de Turim, Umberto Eco fez uma declaração que gerou controvérsia:

As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel.<sup>2</sup>

Paulo Silvestre (2020) conta que, naquela ocasião, viu certo exagero e alguma dose de intolerância na declaração do intelectual italiano. Mais tarde, porém, foi obrigado a rever sua opinião ao perceber o grau de acerto daquela avaliação. Em 2015, as pessoas ainda dialogavam, embora discordassem; a extrema-direita já se manifestava em várias partes do mundo, mas ainda não causava danos significativos; os ataques à imprensa, à ciência e às artes – veiculados por *fake news* – ainda não haviam atingido o nível que foi alcançado pouco tempo depois. Em poucos anos, porém, o cenário foi substancialmente agravado.

O fato de imbecis terem o mesmo direito de manifestação que ganhadores do Prêmio Nobel não é um problema, quando visto isoladamente. O problema reside no volume, na qualidade e na penetração de suas manifestações, as quais, ao que tudo indica, têm sido capazes de alterar drasticamente a decisão dos eleitores em detrimento da democracia. Os líderes fascistas – no sentido que se define neste artigo – têm se beneficiado disso, pois, entre 2002 e 2009,

---

<sup>2</sup> A declaração foi publicada em vários veículos de imprensa, em diversos países, com ligeiras variações decorrentes da tradução. Ver, por exemplo: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2015/06/11/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.htm>. Acesso em: 20 jan. 2024.

o número de *sítes* que veiculavam informações de conteúdo neonazista aumentou 170%; no mesmo período, 91% das redes sociais pertenciam a comunidades nazistas, antissemitas e negacionistas (Silva *et al.*, 2014).

Jaeho Kang (2012) avalia que há estreita relação entre a crise da democracia, a ascensão do fascismo e o desenvolvimento das mídias de massa, mas reconhece que o uso das tecnologias midiáticas não é fenômeno recente. Exemplo disso foi a proliferação de filmes de propaganda fascista nos anos 1930, promovidos pela poderosa indústria de comunicação e propaganda hitlerista. Pedro Batista (2022) lembra que o regime nazista utilizou com eficiência o rádio, a imprensa e o cinema para provocar o medo diante da ameaça comunista e, assim, despertar o anseio por medidas contrárias à liberdade e à democracia.

Batista (2022) apresenta também um caso atual, mostrando que, na cobertura da mídia sobre eventos recentes, como a guerra entre Ucrânia e Rússia e a situação da Faixa de Gaza, só se noticiam o que favorece os interesses ocidentais, em especial estadunidenses e europeus. Em qualquer tempo, a indústria cultural assume papel estratégico e manipulador visando impor o pensamento único e garantir o controle ideológico, desarticulando qualquer possibilidade de questionamento ou revolta contra o capitalismo.

O uso – como também o mau uso – das tecnologias e dispositivos de comunicação não é exclusividade do momento presente, nem é uma estratégia própria deste ou daquele regime político e econômico. Qualquer pessoa que tenha familiaridade com os meios de comunicação de massa ocidentais – o cinema hollywoodiano e a grande imprensa estadunidense, por exemplo –, que foram se tornando exemplares, com farta difusão desde o início do século XX, é capaz de notar a ênfase na inculcação de crenças e estilos de comportamento favoráveis ao modo de vida ocidental – americano, em particular.

A manipulação de opiniões, seja por imbecis, por autoridades constituídas ou pela mídia profissional, tem caráter universal e atemporal. Todavia, é inegável que as redes sociais potencializaram o problema, pois os dispositivos digitais conseguem alterar de maneira muito mais direta e imediata as práticas sociais e os processos comunicacionais. No ambiente virtual, as pessoas encontram espaço privilegiado para tornar visíveis descontentamentos, inquietudes e incertezas que não se podem expressar por outras vias. “Sem as tradicionais

formas de representação política e institucional, os cidadãos tomam para si o papel de atuar, julgando e condenando nas redes sociais, a partir de lógicas do consumo, caracterizadas por temporalidade acelerada e pela subjetividade” (Hoff; Holtz; Fraga, 2022, p. 49).

Além disso, as redes sociais atingem de maneira muito mais insidiosa o indivíduo que as acessa devido aos algoritmos que as orientam. Essa poderosa ferramenta invade espaços da vida privada até então inacessíveis, apreendendo cientificamente o comportamento e os interesses dos usuários, conseguindo, assim, filtrar o acesso à informação e influenciar as necessidades e disposições intelectuais e afetivas. O documentário *O dilema das redes*, lançado pela Netflix em 2020, retrata com espantosa clareza o planejamento que facilita a transmissão de *fake news* e viabiliza a formação de uma massa homogênea que reproduz o que é programado (Batista, 2022).

O documentário revela, também, que o planejamento elaborado pelos mentores das redes sociais privilegia particularmente as mensagens de natureza bombástica e agressiva, uma vez que, segundo dados estatísticos, são esses conteúdos que proporcionam maior lucratividade ao negócio. São poucos os que acessam e impulsionam notícias que enaltecem a ciência, as artes e a educação – boas notícias, digamos assim –, mas são muitos os que se interessam por discursos de ódio e intolerância. Resguardados pela justificativa da liberdade de expressão e pela possibilidade de anonimato, as redes sociais – a bem da verdade, antissociais – acabaram por se tornar o ambiente ideal para a disseminação do fascismo (Quadrado; Ferreira, 2020).

Amarildo Trevisan (2020) pondera que tais redes poderiam ser instrumentos poderosos para o aprimoramento da democracia, ao promover discussões coletivas entre pessoas de diferentes localidades, espaços de escuta envolvendo indivíduos de diversas orientações políticas e religiosas e práticas de transparência acerca de temas de interesse público. Afinal, foi o que se afirmou na época de seu surgimento, a esperança de uma nova ágora, mas o que se vê agora é um imenso aparato de recusa ao diálogo e à convivência democrática. A ação dos algoritmos, selecionando e personalizando conteúdos, faz com que a divergência desapareça; o debate, a reflexão e o pensamento crítico – pilares da democracia – são substituídos pelo “estabelecimento de um consenso artificial e perigoso” (Quadrado; Ferreira, 2020, p. 422).

Mais desafiador do que descrever e diagnosticar os males ocasionados pelas redes sociais é tentar explicar por que a sua ação é bem sucedida. Esse desafio é assumido por Kang (2012, p. 71), para quem a consequência da “política do espetáculo midiático” é a dominação das massas por meio da anestesia do sistema sensorial humano, mecanismo que põe em crise nossa percepção estética e política. Para entender a psicologia das massas virtuais, Gloria Sadala (2022) vai além, apontando que Sigmund Freud já discutia esse fenômeno em *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 2011), texto que alerta para os efeitos nocivos da sociedade de controle, que se empenha em obter domínio e poder, mas acaba por produzir apenas desilusão.

Freud (2010) aprofundou essa discussão em *O mal-estar na civilização*, no qual elabora uma reflexão antropológica com o propósito de mostrar que a vida em sociedade apenas se tornou possível devido à repressão das pulsões de natureza sexual, que são também agressivas, o que, por sua vez, ocasionou os transtornos psíquicos com os quais a humanidade está fadada a viver. A civilização, portanto, é a origem das neuroses, e todo progresso civilizatório – decorrente da energia psíquica desviada para a produção de ideais de fraternidade entre os homens – depende de aportes repressivos cada vez mais intensos.

Esse quadro jamais será modificado por alterações no sistema político e econômico, pois o homem é, essencialmente, um ser incapaz de conter sua agressividade inata.

Os comunistas acreditam ter encontrado o caminho para a redenção do mal. O ser humano é inequivocamente bom, bem-disposto para com o próximo, mas a instituição da propriedade privada lhe corrompeu a natureza. [...] Se a propriedade privada for abolida, todos os bens forem tornados comuns e todos os homens puderem desfrutá-los, desaparecerão a malevolência e a inimizade entre os homens. [...] não tenho como investigar se a abolição da propriedade privada é pertinente e vantajosa. Mas posso ver que o seu pressuposto psicológico é uma ilusão insustentável (Freud, 2010, p. 80).

Freud (2010, p. 80) não recomenda a “completa liberação da vida sexual”, pois é “impossível prever que novos caminhos a evolução cultural pode encetar” sem a repressão. Esse “indestrutível traço da natureza humana”, a agressividade, “reinou quase sem limites no tempo pré-histórico”, mesmo

quando a propriedade privada era incipiente, sendo inevitável, portanto, que acompanhe para sempre a humanidade.

Seguindo essa reflexão, o progresso social obtido à custa da satisfação individual deveria ser suficiente para sustentar uma forma de vida pacífica e progressista, mas não é o que parece acontecer. A hipótese mais plausível é que a repressão pode ter encontrado um perigoso limite; grandes parcelas da população se rendem cada vez mais ao chamamento de violência e intolerância feito pelas redes sociais, preferindo engajar-se em manifestações ofensivas e irracionais, em vez de canalizar suas energias intelectuais e emocionais para a fruição da ciência, da arte e de outros benefícios civilizatórios. Instintos obscuros e pulsões insondáveis, como diz Eco na passagem acima transcrita, escapam do inconsciente e afloram de maneira incontrolável no espaço público.

Em *Psicologia de massas do fascismo*, Wilhelm Reich (1988) diverge dessa visão por considerar que, do ponto de vista antropológico, Freud se equivoca ao conceber que a violência seja inerente à natureza humana. Apoiado nos estudos de Friedrich Engels (1979), afirma que, nos primórdios, homens e mulheres – sob o comando delas – conviviam harmonicamente sem contar com a apropriação privada dos bens produzidos coletivamente. Foi somente ao término daquele período comunista matriarcal que se instituiu a repressão à sexualidade, processo que, dali por diante, impôs à humanidade a frustração que gera a agressividade, alicerce do edifício fascista.

Reich (1988, p. 320-321) diz que “durante milênios de desenvolvimento mecânico, a concepção mecanicista de vida, transmitida através de gerações, se enraizou cada vez mais no sistema biológico do homem”, ser que se tornou, então,

[...] plasmaticamente rígido no processo de destruição de suas funções genitais. Revestiu-se de uma couraça contra sua própria naturalidade e espontaneidade, perdeu o contato com as funções biológicas autorreguladoras. Agora ele tem medo mortal de tudo o que é vivo e livre. [...] O chamado homem civilizado transformou-se num ser rude, mecânico, sem espontaneidade, isto é, transformou-se num autômato, numa “máquina cerebral”. [...] o homem adquiriu os traços de caráter que encontram a sua expressão máxima na explosão da peste da ditadura: uma concepção hierárquica do Estado, uma administração mecânica da sociedade, medo de responsabilidade, uma intensa necessidade de ter um *führer* e anseio por autoridade [...].

Resultado de milenar processo de repressão, o ser que – no início de sua existência como tal – era capaz de amar e compartilhar os frutos do trabalho com seus semelhantes, teve o seu caráter transformado numa couraça que o torna presa fácil de extremismos direitistas. Diferentemente da hipótese levantada a partir de Freud, a hipótese que se pode aventar com Reich é que a repressão cumpre até hoje a função almejada pelo fascismo. Incapacidade para o diálogo, atrofiamento da empatia, agressividade, horror à liberdade, inabilidade para amar são características, dentre outras, que compõem o quadro de anestesiamiento da sensibilidade estética a qual vitima o homem contemporâneo, deixando-o à disposição de líderes fascistas.

Essa ausência de sensibilidade impulsiona o fascismo e corrói a democracia, conceito que, na definição de John Dewey (1979, p. 93), significa “mais do que uma forma de governo”; trata-se de “uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada”. Assim como o fascismo é mais do que um regime político e uma ideologia – é uma maneira de ver o mundo, segundo a concepção de Eco, já mencionada –, também a democracia deweyana é um modo de vida, uma disposição para dialogar em meio a divergências, acreditando no valor da criação de relações humanizadoras em todos os setores da vida.

Tal qual o fascismo, também a democracia se ergue, bem como também se destrói – com base em um conjunto de inclinações morais, como afirma Dewey (1970). Se a moralidade propícia ao fascismo consiste em criar o “indivíduo submisso que se adapta à ordem autoritária, apesar do sofrimento e da humilhação”, como sustenta Reich (1972, p. 28), cumpre descobrir o que fazer para eliminar o vírus do fascismo e promover a democracia. É tarefa difícil de ser cumprida em meio à frustração e à infelicidade de viver em uma civilização repressora, uma sociedade desigual que, no estágio atual de seu desenvolvimento, dá voz à legião de imbecis identificada por Eco.

## O combate ao fascismo

Tal como ocorreu no passado, os regimes fascistas podem ser derrotados pela força das armas, mas o anti-humanismo característico do fascismo é muito

mais resistente. Sua natureza viral o torna capaz de permanecer latente e sofrer inúmeras mutações, apenas aguardando as condições propícias para retomar sua missão destrutiva. Muito antes da caracterização feita por Umberto Eco, vista na seção introdutória deste artigo, Dewey (1970, p. 140-141) observou que a ameaça à democracia, dentre as quais se situa o fascismo, não está longe nem fora de nós, seja em um país distante, seja em pessoas que nos são estranhas, mas na

[...] existência, dentro de nossas próprias atitudes pessoais e dentro de nossas próprias instituições, de condições similares àquelas que deram vitória à autoridade, disciplina, uniformidade e dependência externas do Líder nos países estrangeiros. O campo de batalha é também, conseqüentemente, aqui – dentro de nós mesmos e de nossas instituições.

Em *Dewey for a new age of fascism*, Nathan Crick (2019) defende que o único antídoto contra esse mal eterno é a educação comprometida com o humanismo democrático, e propõe a filosofia educacional deweyana como eixo desse empreendimento. De fato, pode-se concordar que as concepções de Dewey, tal como são apresentadas por Crick (2019) e outros estudiosos do tema, contêm todos os qualificativos necessários para cumprir esse propósito, não carecendo de nenhum outro componente para sustentar o combate ao fascismo no âmbito educacional.<sup>3</sup>

No entanto, a recente pandemia de COVID-19 deixou um legado que merece consideração quando se aborda o fascismo como um vírus: a vitória da ciência não seria alcançada, pelos menos não tão rapidamente, se os cientistas não se mostrassem dispostos a reunir seus conhecimentos e recursos técnicos em prol de uma causa comum; se cada laboratório tivesse atuado isoladamente, cada qual orientado por teorias e conceitos próprios, o coronavírus teria certamente vencido a batalha.

Seguindo a metáfora que orienta o presente artigo, faz-se urgente conclamar outros combatentes contra a proliferação desenfreada do modo fascista de ver o mundo, não deixando que particularidades teóricas afetem o objetivo pretendido. Trata-se, portanto, de identificar pensadores cujos núcleos

---

<sup>3</sup> Do extenso rol de autores que analisam o humanismo deweyano, pode-se destacar Teixeira (1978), Pappas (2008), Garrison (2010) e Crick (2010).

conceituais possam fornecer argumentos em prol de uma formação moral e ética pautada no compartilhamento de ideias e experiências, único meio viável para fomentar o desenvolvimento da sensibilidade estética em oposição ao fascismo na atualidade.

Dentre os autores que podem atender a essa conclamação, destaca-se Mikhail Bakhtin, ou, para ser mais abrangente, os autores reunidos no Círculo de Bakhtin, uma vez que o estudo do pensamento bakhtiniano deve englobar a produção do grupo de estudiosos que trabalhou em estreita cooperação com o autor – em especial Valentin Volóchinov e Pavel Medvedev (Paula; Stafuzza, 2010; Brait, 2021; Faraco, 2009). Segundo Castro (2010), esse grupo constituiu um autêntico círculo de pensadores, tornando inviável aplicar nesse caso a noção de autoria individual sem levar em conta as diferentes vozes presentes no conjunto de suas obras.

O núcleo conceitual do Círculo de Bakhtin – independentemente, vale frisar, de particularidades teóricas – serve ao propósito da presente investigação porque nele se encontram conceitos que ensejam a constituição de um filtro ético-estético que propõe um entendimento do mundo radicalmente oposto ao modo fascista de vê-lo. Essa afirmação se comprova pela filosofia ética e moral do Círculo, que não é vinculada a uma disciplina voltada ao delineamento de regras de ordem valorativa, mas a uma abordagem que põe em primeiro plano a relação entre eu e outro, justamente o que o fascismo é incapaz de acolher.

Segundo Tatiana Bubnova (2013, p. 11), os bakhtinianos entendem que “atuar ‘eticamente’ é atuar ‘para outro’”. A empatia, sentimento que constitui o núcleo da sensibilidade estética rejeitada pelo homem fascista, expressa-se por intermédio do Círculo de Bakhtin na noção de ato ético ou responsável. Em vez de responsável, Adail Sobral (2021) prefere responsável, palavra proposta com o objetivo de traduzir a expressão russa *otvetstvennost*, que reúne as ideias de responsabilidade e responsividade. Esse neologismo é interessante porque vai ao cerne da concepção bakhtiniana de mundo, a qual enfatiza a responsabilidade do agente pelo ato que realiza ao responder, o que implica um compromisso ético – o não-álibi.

O ato ético, portanto, difere da ação mecânica, irrefletida, que é própria do fascismo e que não consiste, a bem da verdade, em um ato, pois todo ato é assinado, requer autoria: quem realiza o ato deve assumir responsabilidade por

ele. De acordo com Marília Amorim (2009, p. 34), o termo *álibi* revela “o que está por trás como ameaça ou como angústia rondando o raciocínio de Bakhtin: a culpa. [...] Podemos ser culpados por não pensar, assim como podemos ser culpados por não criar. Uma culpa ética, e não psicológica”.

Na arquitetura bakhtiniana, cada sujeito é singular e marcado pela ausência de *álibi* para sua existência, o que implica a tomada de consciência da responsabilidade ética pelos atos que pratica individualmente no mundo. Sua “posição no mundo, num dado tempo, num dado lugar” é o que confere essa responsabilidade (Amorim, 2009, p. 34). Assim, o sujeito é responsável por realizar aquilo que é próprio de seu lugar, de sua condição concreta e única, uma vez que cada um ocupa um lugar específico e único no mundo, o que convoca todo indivíduo a fornecer contribuições singulares, aquilo que somente ele pode empreender. Enquanto a ação é um comportamento qualquer, que pode ser mecânico ou impensado, o ato não pode deixar de ser responsável e assinado porque “o sujeito que pensa um pensamento assume que assim pensa face ao outro, o que quer dizer que ele *responde* por isso” (Amorim, 2009, p. 22, grifos da autora).

Essa ideia introduz o conceito bakhtiniano de dialogismo, que afronta diretamente o modo fascista de estar no mundo, segundo o qual toda comunicação é pautada na figura dominante de um líder autoritário e conta com o enrijecimento do caráter, na linguagem de Reich. O dialogismo bakhtiniano estabelece que o “princípio geral do agir é que o sujeito age em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação” (Fiorin, 2020, p. 60). Como afirma o próprio Bakhtin (2014, p. 88), a orientação dialógica é “naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso”, e “em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”.

O conceito de dialogismo vai além do sentido usual de uma conversa qualquer entre dois interlocutores, pois diz respeito a uma visão que contemple o intercâmbio entre a existência singular, o pequeno tempo, e a história da humanidade, o grande tempo, devendo a primeira ser plenamente integrada à segunda. A ideia de grande tempo envolve uma longa continuidade histórica,

“uma concepção de tempo que se aproxima da eternidade secular, um tipo de *saecula saeculorum* da comunicação humana” (Bubnova, 2015, p. 7).<sup>4</sup> Todo discurso, seja uma réplica do cotidiano, seja uma produção artística, participa dessa longa cadeia comunicativa, ganhando novos sentidos a depender do contexto sociocultural em que é produzido.

O quadro conceitual bakhtiniano inspira uma formação moral e ética firmada na responsabilidade com o outro, condição que exige fé no diálogo. Trata-se de uma forma de educação que assume precisamente o que o fascismo, por natureza, rejeita: educar consiste em construir um campo fértil para o desenvolvimento pleno da relação entre eu e outro, um ambiente propício para que um responda ao outro, um espaço favorável ao florescimento da sensibilidade estética. Como afirma Volóchinov (2018, p. 179),

[...] a base da interação discursiva consiste justamente na compreensão em sentido estrito, isto é, como processo de constituição. Em geral, é impossível traçar um limite claro entre a compreensão e a resposta. Toda compreensão responde, isto é, traduz o compreendido em um novo contexto, ou seja, em um contexto de uma possível resposta.

Quando um responde a outro, cria-se um ambiente que favorece a maleabilidade do caráter, na contramão da rigidez que interessa a todas as formas de extremismo. Esse é o ambiente democrático, definido por Dewey (1979) como um modo de vida que valoriza relações humanizadoras. É nesse espaço que se pode conceber uma forma de educação em que eu e outro se constituam mutuamente, em que todos os discursos possam interagir permeados pelo afeto, não sendo jamais silenciados, mesmo quando divergentes. Eu e outro encontram-se empaticamente para estabelecer intercâmbios genuínos, compartilhamento de ideias e sentimentos, pois agir eticamente implica não a imposição de verdades únicas e imutáveis, mas a valorização da diferença.

Geraldi (2013, p. 27) considera necessário

[...] Pensar a diferença como valor, como enriquecimento e não como algo a ser suplantado, a ser abandonado, a ser ceifado.

---

<sup>4</sup> A respeito desse tema, ver também Reed (2014).

Pensar a sobrecarga dos significados como obstáculo e ao mesmo tempo como possibilidade de dizer o novo, limpando as palavras para revesti-las sabendo que, por debaixo, ao revés, os sentidos de antes ali estão, mas agora são vistos ou transvistos de outro ângulo, com a mesma palavra que já não é mais a mesma.

As conceituações morais e éticas do Círculo de Bakhtin inspiram uma visão inovadora acerca do ofício de educar, podendo ser associada a outras concepções potencialmente favoráveis à luta contra o fascismo na atualidade. Essa luta se faz não pelas armas, mas pelo cultivo de uma nova linguagem, uma nova forma de comunicação, e pela adoção de uma imagem do ser humano que valorize a diferença. São qualidades que se contrapõem ao anseio de censura – ou cancelamento, como se diz na linguagem das redes sociais – que promove o esfacelamento dos valores e do estatuto da verdade.

## Considerações finais

O artigo ora finalizado buscou articular os seguintes raciocínios: o fascismo é um modo de ver o mundo que tem residência permanente nos estratos mais íntimos de cada ser humano, razão pela qual pode ser metaforicamente descrito como um vírus; as redes sociais são o meio mais eficaz de propagação desse vírus na atualidade, tornando os indivíduos incapazes de ter sensibilidade estética; esse fenômeno infeccioso só pode ser combatido pela união de todos os que se alinham com outro modo de vida, a democracia, em prol de uma educação de caráter democrático; as concepções morais e éticas do Círculo de Bakhtin são adequadas a esse fim.

Esse encadeamento de ideias não teve o intuito de apresentar verdades cabais, mas a intenção de convidar o leitor a produzir algumas reflexões, a começar pela definição de fascismo. São inúmeras as teses sociológicas, políticas e antropológicas que poderiam ser citadas para confrontar essa definição, mas a simples observação do que se passa no dia a dia é suficiente para notar a onipresença de disposições psicológicas favoráveis ao modo fascista de ver o mundo. São pequenos gestos, chistes, modos de reagir a determinadas situações, formas de linguagem, reações a acontecimentos cotidianos etc. que servem de manto para encobrir o fascismo que habita em

cada um de nós, apenas esperando o momento propício para aflorar. As análises macrossociais são válidas e não é o caso de desconsiderá-las, porém é viável observar a relevância dos componentes microssociais na elucidação desse fenômeno.

Quanto às redes sociais, o leitor certamente poderá identificar muitos outros meios de convívio que também contribuem para desumanizar a vida e colocar o homem à disposição de posicionamentos extremistas – não só à direita, aliás, como também à esquerda, no espectro político. Os registros históricos, os relatos feitos pela imprensa e a produção acadêmica analisam com frequência esses meios. Tais análises, porém, não tiram a força do argumento defendido neste artigo, pois será difícil encontrar um instrumento mais poderoso do que as redes sociais para invadir o espaço da privacidade e afetar a sensibilidade estética das pessoas. Agremiações políticas e igrejas, por exemplo, geralmente requerem presença física, interação face a face, para efetivar o transe extático que altera as consciências, mas as redes alcançam o indivíduo no mais pleno isolamento, amparado na ilusão de substituir experiências reais por experiências virtuais a fim de aplacar sua ânsia por socialização.

Quanto a alternativas para combater o fascismo, é evidente que não se deve minimizar o valor de iniciativas voltadas ao fortalecimento das instituições democráticas, mas, para assumir condutas voltadas a esse fim, é preciso contar com pessoas dotadas de sensibilidade estética. Não há ação política sem vontade política, sem disposição intelectual e emocional para agir em prol do bem comum. A questão é saber onde e como se forma o ímpeto de acreditar nos valores democráticos e lutar por sua realização. Mediante a tese de que tanto o fascismo quanto a democracia são modos de vida, mais do que ideologias consubstanciadas em arranjos formais, é inevitável concluir que a vitória da democracia depende, em última instância, da educação, tanto a que se pratica no âmbito das escolas quanto a que se vivencia em espaços não escolares – nos lares, nas associações juvenis, nas atividades esportivas e artísticas etc.

Não entanto, não poderá ser uma educação qualquer, alicerçada em princípios que espelhem o modo fascista de estar no mundo. Este artigo adotou as concepções deweyanas como parâmetro para o desenvolvimento da educação humanista requerida para o combate ao fascismo e indicou – em uma

análise apenas introdutória – as teses morais e éticas do Círculo de Bakhtin enquanto possíveis contribuições para esse mesmo fim. O objetivo desse empreendimento consistiu em mostrar que autores de áreas distintas da educação, responsáveis por quadros conceituais que não foram elaborados para o âmbito pedagógico, podem ser conclamados ao referido combate. Será excelente se o leitor descobrir fragilidades nessa tentativa, pois abrirá espaço para a continuidade do debate que é inerente a toda investigação que se torna pública.

Contudo, o leitor poderá argumentar que todo esforço para integrar quadros conceituais distintos é inútil porque é vã a esperança depositada na educação como meio eficaz para obstruir o fascismo e construir a democracia. Nos termos abordados no presente artigo, esse argumento se funda na crença freudiana de que a violência é um componente natural do ser humano, razão pela qual nenhuma forma de educação, por mais humanizadora que seja, conseguirá levar o indivíduo à sua plena realização. Reich, em contrapartida, acredita ser possível restituir ao homem a sensibilidade que lhe foi roubada pelas exigências civilizatórias. De fato, as divergências antropológicas dificultam encontrar fundamentos para a democracia e para a educação democrática. O que se pode sugerir, nesse caso, é acompanhar Dewey (1970), para quem a democracia é, em última análise, uma questão de fé – fé na capacidade humana para buscar o modo de vida democrático por opção moral, como um dever ser.

## Referências

AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17-44.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 71-210.

BATISTA, Pedro César. O papel da mídia hegemônica e a formação do fascismo. **TVCOMDF**, Brasília, 23 abril 2022. Disponível em: <https://www.tvcomunitariadf.com/2022/04/23/artigo-o-papel-da-midia-hegemonica-e-a-formacao-do-fascismo> . Acesso em: 3 dez. 2023

BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2021.

BUBNOVA, Tatiana. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 8, n. 10, p. 9-18, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55173/33554>. Acesso em: 08 jul. 2021.

BUBNOVA, Tatiana. O que poderia significar o “Grande Tempo”? **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 6-15, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23260/17073>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CASTRO, Gilberto de. O Marxismo e a Ideologia em Bakhtin. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 175-202.

CRICK, Nathan. **Democracy and rhetoric**: John Dewey on the arts of becoming. Columbia: University of South Carolina, 2010.

CRICK, Nathan. **Dewey for a new age of fascism**: teaching democratic habits. State College: Pennsylvania State University, 2019.

DEWEY, John. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

DEWEY, John. Liberdade e cultura. *In*: DEWEY, John. **Liberalismo, liberdade e cultura**. São Paulo: Nacional, 1970.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 9-89.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. *In*: FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 9-100.

GARRISON, Jim. **Dewey and Eros**: wisdom and desire in the art of teaching. Charlotte: Information Age Publishing, 2010.

GENTILE, Emilio. Fascismo. *In*: **ENCICLOPÉDIA italiana**. Instituto dell'Enciclopedia Treccani, 1992. Disponível em:

[https://www.treccani.it/enciclopedia/fascismo\\_res-7f979648-87ea-11dc-8e9d-0016357eee51\\_%28Enciclopedia-Italiana%29](https://www.treccani.it/enciclopedia/fascismo_res-7f979648-87ea-11dc-8e9d-0016357eee51_%28Enciclopedia-Italiana%29). Acesso em: 14 fev. 2024.

GERALDI, João Wanderlei. Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: os educadores podem dizer muito com Bakhtin. *In*: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (org.). **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 11-28.

HOFF, Tânia; HOLTZ, Ana Catarina; FRAGA, Lucas Lopes. Do cancelamento ao dispositivo: discurso de ódio no contexto do consumo. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 17, n. 2, p. 44-56, jul./dez. 2022. Disponível em:

<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/550>. Acesso em: 28 dez. 2023.

KANG, Jaeho. A mídia e a crise da democracia: repensando a política estética. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 31, n. 93, p. 61-79, jul. 2012.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MCDERMOTT, John Joseph. **The drama of possibility: experience as philosophy of culture**. New York: Fordham University, 2007.

PAPPAS, Gregory Fernando. **John Dewey's ethics: democracy as experience**. Bloomington: Indiana University, 2008.

PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

QUADRADO, Jaqueline Carvalho; FERREIRA, Ewerton da Silva. Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. **Katálysis**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 419-428, set./dez. 2020.

REED, Walter. **Romantic literature in light of Bakhtin**. New York: Bloomsbury, 2014.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SADALA, Gloria. "Psicologia das massas e análise do eu": pontuações e atualizações. **Trivium**, Rio de Janeiro, n. especial, p. 17-26, 2022.

SILVA, Adriana Brito da *et al.* A extrema-direita na atualidade. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 119, p. 407-445, jul./set. 2014.

SILVESTRE, Paulo. Desculpe, Umberto Eco. **Estadão**, São Paulo, 27 maio 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/macaco-eletrico/desculpe-umberto-eco>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2021. p. 11-36.

TEIXEIRA, Anísio. A pedagogia de Dewey. *In*: DEWEY, John. **Vida e educação**. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

TREVISAN, Amarildo Luiz. Educação e violência: a educação contra o fascismo. **Educação**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, e35788, 2020.

*Editor(a) responsável: Josimara Wikboldt Schwantz*

*Recebido em: 02/09/24*

*Aceito em: 20/02/26.*

### **Bárbara Fernanda de Freitas**

Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação dessa mesma instituição. Pesquisa na área de políticas públicas e gestão educacional com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

✉ [barbarafreitas@usp.br](mailto:barbarafreitas@usp.br)

🌐 <http://lattes.cnpq.br/6147228706392638>

🆔 <https://orcid.org/0000-0002-8555-6504>

### **João Vítor Zanato de Carvalho Ribeiro**

Licenciado em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Pesquisa temáticas relativas à linguagem, com ênfase em Círculo de Bakhtin.

✉ [jvzanato@gmail.com](mailto:jvzanato@gmail.com)

🌐 <http://lattes.cnpq.br/5514695019137972>

🆔 <https://orcid.org/0000-0001-8556-2974>

## Marcus Vinicius da Cunha

Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professor Associado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação dessa mesma instituição e líder do Grupo de Pesquisa 'Retórica e Argumentação na Pedagogia'. Pesquisa temas relativos à filosofia educacional de John Dewey.

 [marcusvc@ffclrp.usp.br](mailto:marcusvc@ffclrp.usp.br)

 <http://lattes.cnpq.br/5679422102387763>

 <https://orcid.org/0000-0001-8414-7306>